

**Estágio supervisionado em música: reflexões sobre o uso do celular no  
contexto da Educação Básica  
Comunicação**

**GTE 11 – Ensino de Música nas Escolas de Educação Básica**

*Brena Maria da Rocha Silva*  
UERN/SEEC/RN  
*brena.1347969@educar.rn.gov.br*

*Flávia Maiara Lima Fagundes*  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte  
*flaviamaiara@uern.br*

**Resumo:** Este trabalho relata uma experiência de estágio de um curso de Licenciatura em Música EaD realizado em uma escola estadual em tempo integral no interior do Rio Grande do Norte, com uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental. A proposta consistiu em integrar conteúdos de Educação Musical às aulas de Arte, promovendo uma abordagem mais sensível e significativa ao ensino. A escola atende estudantes do centro urbano de uma cidade e de uma comunidade rural localizada em um distrito nas proximidades. O estágio evidenciou desafios relevantes, como o uso excessivo de celulares, comportamentos dispersivos e episódios de situações violentas entre os estudantes. Diante desse cenário, foram adotadas estratégias voltadas à promoção do engajamento, da sensibilidade artística e da convivência respeitosa. Com o tempo, observou-se maior participação dos discentes, bem como, melhora na interação entre eles. A experiência demonstrou o potencial da música como área de conhecimento e ferramenta pedagógica para estimular o diálogo, o desenvolvimento humano e o fortalecimento dos vínculos sociais no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado EaD. Aprendizagem musical na Educação Básica. Uso do celular.

## **Introdução**

O Estágio Supervisionado IV, última etapa prática de formação docente no curso de Licenciatura em Música à distância da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), insere o licenciando na prática pedagógica junto aos anos finais do Ensino Fundamental ou ao

Ensino Médio. Nessa fase, o público-alvo das ações educativas é composto por crianças em transição para a adolescência e jovens adolescentes, exigindo do futuro professor sensibilidade e preparo diante dos desafios sócio-históricos próprios dessa faixa etária.

A vivência em sala de aula frequentemente ocorre em contextos desafiadores, marcados por turmas numerosas, comportamentos indisciplinados e baixa motivação dos estudantes. No entanto, experienciar essas realidades ainda no âmbito da formação inicial, com orientação e supervisão adequadas, são essenciais para o desenvolvimento profissional do licenciando. Trata-se de uma experiência formativa de caráter duplo, em que o estagiário tem a oportunidade de ensinar e refletir sobre sua prática, ao mesmo tempo em que os estudantes da Educação Básica têm acesso a um conteúdo historicamente ausente da rotina escolar.

Como se sabe, embora a música não figure como componente curricular obrigatório enquanto disciplina isolada, a Lei nº 13.278/2016 determina sua presença no ensino de Arte, juntamente com outras linguagens, como dança, teatro e artes visuais. A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) aprofunda essa orientação ao apresentar oito habilidades específicas para o ensino de música, organizadas nos eixos de apreciação, criação e execução. Essas diretrizes constituem subsídios fundamentais para o planejamento de aulas significativas, articuladas às culturas juvenis e à diversidade artística presente nos diferentes contextos sociais.

## O contexto de Ensino

A quarta experiência de estágio do referido curso de Licenciatura em Música teve como objetivo geral intervir nas aulas de Arte por meio da inserção da linguagem musical, contribuindo para uma abordagem mais abrangente e significativa do componente curricular. Para alcançar esse propósito, foram definidos objetivos específicos que orientaram a prática pedagógica desenvolvida ao longo do estágio, entre os quais se destacam: introduzir práticas de canto junto à turma; explorar o ritmo por meio do corpo promovendo consciência corporal e musical; selecionar o repertório de forma democrática, com base em critérios discutidos com os estudantes; trabalhar canto e ritmo separadamente, favorecendo o domínio técnico de cada elemento; e criar sequências rítmicas a serem integradas à prática vocal. Esses objetivos

visavam promover não apenas a aprendizagem musical, mas também o desenvolvimento humano, a valorização da escuta, da cooperação e da expressão artística coletiva no ambiente escolar.

Essa experiência de estágio foi desenvolvida na Escola Estadual em Tempo Integral Duque de Caxias, situada na Rua Augusto Severo, nº 305, no centro do município de MacauRN. Localizada em área urbana central, a instituição atende majoritariamente estudantes de famílias de baixa renda do bairro e da comunidade vizinha, Ilha de Santana. Trata-se de uma escola centenária, que passou recentemente por uma reforma estrutural significativa, mantendo cinco salas de aula, uma sala de informática e uma biblioteca, todas climatizadas.

Desde 2023, a escola funciona na modalidade de tempo integral, ofertando exclusivamente os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Atualmente, estão em atividade cinco turmas, sendo duas de 6º ano, criadas em razão da elevada demanda por matrículas. Cada turma conta, em média, com 40 alunos, cuja faixa etária varia entre 11 e 16 anos. O componente curricular de Arte é ofertado em dois horários semanais e é complementado pelo Ateliê de Linguagens Artísticas, também com duas aulas semanais, ampliando o contato dos estudantes com diferentes expressões artísticas. O horário de funcionamento da escola é das 7h30 às 16h30, e a intervenção pedagógica do estágio supervisionado em música ocorreu nas manhãs de sexta-feira, entre 7h30 e 9h10, com uma turma de 6º ano.

A escolha da turma considerou a compatibilidade com os horários de trabalho da estagiária, que já leciona outra disciplina em instituição estadual da mesma cidade. As horas destinadas ao estágio supervisionado no referido curso foram distribuídas entre observação, planejamento, atuação docente, avaliação, produção do relatório e seminário de estágio. Um aspecto relevante a considerar foi o número de estudantes da turma selecionada. Apesar de composta por 20 alunos, apresentou baixa frequência durante o período de observação, registrando apenas 12 e 8 estudantes presentes nas duas aulas consecutivas observadas, número bastante inferior ao das demais turmas. Todos os alunos dessa turma são novatos na escola, visto que o 6º ano marca o ingresso nos anos finais do Ensino Fundamental, e não há casos de repetência entre eles.

Um dos principais desafios apontados pela professora de Arte e pela vice-diretora da escola relaciona-se ao uso excessivo de celulares em sala de aula. Embora a maioria dos estudantes pertença a famílias de baixa renda, muitos já possuem dispositivos móveis e os utilizam com frequência durante as atividades escolares. Para lidar com essa questão, a equipe escolar planejou, há alguns meses, a adoção de caixas coletoras em cada sala, com o objetivo de recolher os aparelhos quando se configurarem como fonte de distração. Apesar de as caixas já estarem prontas, a medida ainda não havia sido efetivamente implementada em todas as turmas no período da realização do estágio.

### **Observação das aulas**

O período de observação, etapa inicial do estágio, foi fundamental para compreender a dinâmica da turma, o perfil dos estudantes e as práticas pedagógicas adotadas pela professora titular de Arte, que exerceu a supervisão do estágio. Nas aulas observadas, a docente, formada em Artes Visuais, trabalhou o conceito de linha com base na obra de Van Gogh, além de aplicar a técnica de pintura com raspagem, utilizando giz de cera e tinta acrílica.

Apesar das propostas criativas, observou-se uma certa dificuldade de comunicação entre a professora e a turma, que, apesar de numericamente menor que as demais turmas da escola, apresentava comportamentos frequentes de dispersão. O uso do celular durante a aula, as conversas paralelas e as brincadeiras desviavam a atenção dos alunos, comprometendo sua participação nas atividades. A avaliação adotada pela professora estava centrada na participação dos estudantes, mas grande parte do tempo de aula era dedicada ao gerenciamento da indisciplina.

Um episódio significativo ocorreu no primeiro dia de observação, quando um conflito entre dois alunos quase resultou em agressão física envolvendo uma cadeira. A professora interveio prontamente, evitando que a situação se agravasse. É pertinente considerar a possível influência de acontecimentos amplamente repercutidos na mídia no mesmo período, como um debate político televisivo em que um candidato às eleições lançou uma cadeira contra outro. As imagens circularam entre os alunos e, ao refletirmos sobre o episódio, é possível que a intensa exposição do acontecimento nos programas televisivos e nas redes sociais tenha, de certa forma, influenciado o comportamento observado.

Também se observou que, em certos momentos, a professora assumia funções dos estudantes durante a execução das atividades. Na segunda aula observada, por exemplo, ela própria finalizou a pintura dos desenhos com uma segunda camada de tinta e elaborou as molduras de todos os trabalhos, o que resultou na ociosidade dos estudantes e na falta de envolvimento com a atividade. Essa postura pode ter contribuído para o aumento da dispersão e da desconexão dos alunos durante a finalização da tarefa proposta.

A etapa de observação no estágio permitiu realizar um mapeamento de aspectos relevantes da rotina escolar e das práticas de ensino, servindo como base para o planejamento de intervenções pedagógicas mais contextualizadas. Além disso, esse momento forneceu subsídios para uma reflexão crítica sobre a função docente e sobre os desafios encontrados na prática educativa.

## Experiência Docente

A proposta pedagógica do estágio supervisionado aqui relatada foi elaborada a partir da análise do tempo disponível para as aulas, dos recursos existentes na escola e dos interesses demonstrados pelos estudantes do 6º ano A. Com base nesses elementos, elaborou-se um planejamento de oito aulas, distribuídas ao longo de quatro encontros, com foco em noções musicais básicas, como pulsação, acentos fortes e fracos, e andamento. Além disso, para atender aos principais objetivos dessa experiência de estágio, recorreu-se a Estiene (2004), que fundamenta práticas de preparação vocal e canto; a Ciavatta et al. (2016), que oferecem subsídios para a utilização do corpo como ferramenta no estudo rítmico; a Meurer e Figueiredo (2022), que apresentam considerações sobre o corpo no ensino de canto; e a Moreira (1995), cujas contribuições remetem a importantes teóricos contemporâneos da aprendizagem.

No primeiro encontro, foi promovida uma escuta ativa dos alunos em relação às expectativas para as aulas de música. A maioria expressou interesse pelo canto e lamentou a ausência de instrumentos musicais na escola. Apenas três alunos relataram contato prévio com instrumentos musicais. Em seguida, iniciou-se o estudo rítmico, explorando a duração dos sons a partir das figuras de tempo (semibreve, mínima, semínima e colcheia), utilizando sons corporais e objetos da sala, como carteiras, canetas e papel. A prática consistiu em reproduzir

células rítmicas aplicadas a uma música popular. Observou-se que a participação foi afetada pelo uso recorrente do celular, exigindo constante intervenção da estagiária.

Considerando o uso disperso do celular no cotidiano e os problemas que essa situação causava às aulas, sugeriu-se que os estudantes comesçassem a utilizá-los de forma orientada, como ferramenta de auxílio nas atividades musicais conduzidas pela estagiária. Com o objetivo de selecionar uma música que os alunos gostassem para compor o repertório, na segunda aula foram convidados a trazer sugestões de canções com mensagens positivas. Nenhum estudante trouxe uma sugestão que atendesse a esse critério. Alguns apresentaram músicas com vocabulário inadequado ao ambiente escolar e à faixa etária, incluindo conteúdo explicitamente sexual. Ao discutir a escolha das músicas, os estudantes não demonstraram interesse em refletir sobre as mensagens nelas contidas.

A aula foi marcada por comportamentos físicos e verbais agressivos, reforçando a necessidade de explorar o conteúdo do repertório como forma de sensibilização. A estagiária propôs o ensaio da canção *Velha Infância* (Tribalistas)<sup>1</sup>, utilizando vozes e um violão próprio. A maioria da turma conhecia a canção. Embora muitos alunos continuassem a usar os celulares para outros fins durante a aula, alguns recusaram-se a utilizá-los para acessar a letra da música, enquanto outros participaram ativamente e colaboraram com a proposta.

Por se tratar de um curso de modalidade a distância, as atividades de estágio supervisionado da Licenciatura em Música são acompanhadas por uma professora orientadora e por um professor tutor, tanto de forma online quanto presencial. No terceiro encontro, a estagiária recebeu a visita presencial do professor tutor. Durante a aula, foram realizadas atividades com base no método *O Passo* (Ciavatta et al., 2016), visando trabalhar questões rítmicas que envolvessem movimentos corporais.

É importante dar ênfase ao trabalho de preparação vocal e corporal realizado antes do canto. A participação dos estudantes nessas atividades variava entre engajamento e dispersão. Como nem todos tinham acesso ou estavam dispostos a utilizar o celular como ferramenta de auxílio, foram distribuídas cópias impressas das letras das músicas. Nesta aula, diante da recusa de alguns estudantes em usar o celular para auxiliar nas atividades, a professora titular

---

<sup>1</sup> Para acessar a música *Velha Infância* – Tribalistas: <https://www.youtube.com/watch?v=iyJDujggiEM>

intervenção pela primeira vez, adotando a medida de recolhimento dos aparelhos telefônicos em uma caixa preparada para esse fim. Três alunos, incomodados com a medida, se recusaram a cantar e, como alternativa sugerida pela professora supervisora, escolheram copiar a letra de uma das músicas em seus cadernos.

No quarto e último encontro, a supervisora repetiu a recolhida dos celulares no início da aula, o que proporcionou maior concentração durante as atividades. Alguns alunos demonstraram interesse e habilidade em aprender violão, tocando os primeiros acordes (Em e Am) no instrumento da estagiária. Durante as aulas, foram trabalhadas três canções como repertório: *Velha Infância* (já mencionada), *Trem Bala* (Ana Vilela)<sup>2</sup> e *Gentileza* (Marisa Monte)<sup>3</sup>. O ensaio final das três músicas contou com o engajamento da maioria dos alunos. Destacou-se o momento de emoção de uma aluna ao cantar, revelando o potencial da música para o desenvolvimento musical, a formação humana e como ferramenta de expressão e sensibilização emocional.

A avaliação das aprendizagens construídas durante as aulas do estágio baseou-se nos estudos e proposições de Luckesi (2002), com ênfase no caráter diagnóstico e formativo da avaliação. Inicialmente, o estágio estabeleceu objetivos específicos relacionados à introdução da educação musical. Ao longo das aulas, a partir de novos diagnósticos, observou-se a necessidade de ampliar esses objetivos, incorporando o caráter reflexivo para a apreciação musical, considerando as músicas que os alunos estavam ouvindo e a necessidade de ampliar seus repertórios musicais.

## **A utilização do celular como ferramenta para a aprendizagem musical**

A avaliação geral da experiência foi positiva, uma vez que os objetivos inicialmente propostos foram alcançados ao longo das aulas, apesar dos desafios enfrentados. Um dos principais obstáculos foi engajar os alunos em um ambiente marcado por dispersões e brincadeiras inadequadas, algumas vezes de caráter violento, entre colegas, o que comprometeu o foco nas atividades concretas de ensino e aprendizagem.

---

<sup>2</sup> Para acessar a música: <https://www.youtube.com/watch?v=sWhy1VcvvgY>

<sup>3</sup> Para acessar a música: <https://www.youtube.com/watch?v=mpDHQVhyUrY&pp=0gcJcfwAo7VqN5tD>

No entanto, observou-se uma evolução gradual no comportamento da turma, paralelamente à iniciativa da professora supervisora de campo de recolher os celulares no início das aulas. As diferentes configurações espaciais da sala, as variadas formas de interação com os conteúdos musicais e as reflexões suscitadas pelas letras das canções trabalhadas também podem ter contribuído para a melhoria na qualidade das experiências musicais em sala de aula. Embora não seja possível afirmar com certeza qual abordagem específica provocou tais mudanças, diante das estratégias utilizadas é possível perceber que determinados elementos foram incorporados à experiência escolar dos alunos, enquanto outros foram eliminados.

A tentativa de utilização do celular como ferramenta de auxílio não gerou interesse suficiente para engajar todos os estudantes. A restrição do uso do celular, contudo, gerou desconforto em alguns alunos, que reagiram com irritabilidade. O uso do aparelho se destacou como um dos principais fatores de dificuldade durante as aulas — tanto por sua presença excessiva, quanto por sua ausência, quando finalmente restringido. Essa ambivalência revela a complexidade do tema e evidencia a necessidade de mais orientações e debates aprofundados sobre seu uso, tanto no cotidiano do contexto escolar, quanto na sociedade em geral.

Essa experiência de estágio ocorreu no segundo semestre do ano de 2024, em um momento em que a posse do celular já se tornava realidade para a maioria dos jovens nesse contexto de ensino. As escolas enfrentam a problemática do uso incisivo desses dispositivos, inclusive durante as aulas. Algumas já haviam começado a definir diretrizes de uso; outras elaboraram estratégias, em teoria, mas tardam em colocá-las em prática; e há, ainda, aquelas que não discutiram nem tomaram qualquer atitude frente a essa questão.

O uso do celular como ferramenta pedagógica configura-se, para as escolas, como um paradoxo: por um lado, “é improvável que a educação seja igualmente relevante sem as tecnologias digitais”; por outro, “os aspectos negativos e prejudiciais do uso da tecnologia digital na educação e na sociedade incluem o risco de distração e a falta de interação humana”, conforme conclui o Relatório Global de Monitoramento da Educação, organizado pela UNESCO (2023).

Os impactos negativos do uso do celular na Educação Básica vêm sendo discutidos há vários anos. Reportagens da CNN Brasil evidenciam a adesão de diversos países e estados brasileiros a políticas de restrição desses aparelhos em ambientes escolares. Em 2018, a França tornou-se o primeiro país a proibir o uso de celulares nas escolas, seguida posteriormente por países como Espanha, Grécia, Dinamarca, Finlândia, Holanda, Itália, Suíça e México, que implementaram proibições totais ou parciais (Gomes, 2024). No Brasil, o pioneirismo coube ao estado do Rio de Janeiro, que adotou a medida em fevereiro de 2024 (Costa, 2024), seguido por São Paulo, no final do mesmo ano.

Após a adesão de alguns estados brasileiros à tendência mundial, em janeiro de 2025 foi sancionada a Lei Federal nº 15.100, que “dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica” (Brasil, 2025). A partir disso, as escolas iniciaram debates mais enfáticos sobre o tema e passaram a incluir em seus regimentos a proibição total ou parcial do uso de celulares.

O sociólogo e filósofo francês Edgar Morin (2011) descreve a escola como um possível laboratório de vida democrática. Para que isso se concretize, é fundamental garantir condições que favoreçam o desenvolvimento das aprendizagens, da cidadania e do desenvolvimento integral dos sujeitos. Nesse contexto, torna-se relevante refletir sobre o uso das diferentes mídias da comunicação humana, uma vez que elas influenciam diretamente as dinâmicas escolares e os processos educativos.

Harry Pross (1972, *apud* Baitello Junior, 2014) classificou a comunicação humana em três tipos de mídias: primária, secundária e terciária. Toda comunicação humana tem início na mídia primária, que ocorre no encontro presencial, face a face, por meio da expressividade corporal — olhos, testa, postura, ritmo, repetições da linguagem verbal falada, entre outros elementos naturalmente aprendidos nas interações humanas.

A mídia secundária, geralmente aprendida no ambiente escolar, desenvolve-se na escrita e na imagem, manifestando-se em cartas, panfletos, livros, jornais, pinturas, fotografias, entre outros. Já a mídia terciária, também chamada de mídia elétrica, refere-se aos meios de comunicação que exigem aparelhos tanto do lado emissor quanto do lado receptor

para que a comunicação ocorra — como a telefonia, a televisão e a indústria fonovideográfica e seus produtos.

A mídia terciária não elimina as anteriores, mas adiciona uma nova etapa às formas já existentes de comunicação. No entanto, Baitello Junior (2014) expressa preocupação com o uso excessivo da mídia terciária na comunicação e a consequente diminuição do uso das mídias primária e secundária. Para ele:

O que, no entanto, caberia perguntar é pelas consequências de uma hipertrofia dos sistemas de mediação mais complexos, à custa de uma atrofia dos sistemas primários simples. Tal diagnóstico não apenas é possível como urgentemente necessário, sobretudo em vista de certo ofuscamento da capacidade crítica diante da natureza mágica dos novos e vertiginosos desdobramentos da mídia elétrica. (Baitello Júnior, 2014, p. 93 - 94).

Segundo o autor, o desenvolvimento das tecnologias de comunicação tem ocupado grande parte dos estudos sobre a comunicação humana, seja por seu caráter relativamente novo, seja por sua natureza lúdica e vertiginosa. Com o uso cada vez mais intenso e desmedido da mídia terciária, Baitello Junior (2014) chama a atenção para essa nova ordem social, marcada pelo aperfeiçoamento na captura do tempo de vida por meio da “perda do presente”. Esse contexto torna-se ainda mais preocupante ao se constatar a ausência de restrições ao uso das mídias terciárias por crianças e adolescentes em fase crucial do desenvolvimento cognitivo. Vale destacar que as orientações normativas a esse respeito nas escolas já estão entrando em vigor, o que representa um começo promissor.

Baitello Junior (2014) destaca ainda que o consumo da mídia terciária é também um convite a “sentar” — termo cuja raiz latina é a mesma do verbo “sedar”. A proximidade semântica e etimológica entre esses termos, segundo o autor, não é mera casualidade. Nesse sentido, ele afirma:

Quando sentamos o corpo, sentamos também a nossa base comunicativa, nossa mídia primária e sua capacidade de gerar linguagens e vínculos comunicativos. Assim, estamos sedando o corpo, mas ao lado de sedar o corpo, estamos sedando e amansando, domesticando o próprio pensamento. (Baitello Júnior, 2014, p. 41).

Segundo Baitello Júnior (2014), o processo civilizatório — incluindo o educacional — pode ser compreendido como um processo de “sentação”, no qual, desde a infância, se

estabelece a rotina de manter as crianças sentadas por longos períodos em escolas, igrejas, mídias, indústrias e ambientes de entretenimento. “A verdade é que sentar é uma atitude em relação ao mundo e a vida” (Baitello Júnior, 2014, p. 40).

O autor também retoma estudos antropológicos sobre os sentidos e a comunicação humana, ressaltando a importância dos sentidos de proximidade — como tato, olfato e paladar — em contraste com as tendências da comunicação moderna, cada vez mais centrada nos sentidos de distância, especialmente a visão e, em menor grau, a audição. Essas reflexões oferecem subsídios relevantes para pensar quais dimensões sensoriais e comunicativas devem ser mais exploradas nas metodologias de ensino.

A reflexão sobre as mídias em sala de aula surgiu a partir do fato de o celular ter sido o elemento que mais gerou dificuldades durante a prática do estágio supervisionado. Da mesma forma, mostra-se pertinente analisar também as situações de violência física e verbal ocorridas na turma, os métodos de ensino empregados e as estratégias acionadas quando foi necessário promover mudanças nas aulas. Além disso, cabe considerar tanto as mídias que transportam a atenção de alguns estudantes para outras dimensões quanto aquelas que fortalecem o debate, a leitura e o canto em torno de temáticas capazes de elevar o pensamento, a comunicação e a interação humana.

## Considerações finais

Essa vivência evidencia a importância de um planejamento flexível, capaz de se adaptar às especificidades da turma e às condições reais da escola. Ressalta também o papel essencial do professor como mediador atento e sensível ao contexto e às necessidades dos alunos. A Educação Musical, enquanto área de conhecimento, linguagem artística e forma de expressão, mostrou-se um campo de grande potencial para promover não apenas aprendizagens técnicas, mas também o desenvolvimento humano, a empatia, a escuta e a convivência. A experiência de estágio, portanto, reafirma o valor da prática docente comprometida com a formação integral dos estudantes, ao mesmo tempo em que contribui para a construção da identidade profissional do futuro professor.

## Referências

BAITELLO JUNIOR, Norval. *A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura*. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Temas de Comunicação).

BRASIL. Lei nº 13.278, de 02 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Brasília: 2016. Disponível em:  
<[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm)>. Acesso em: 21 set. 2024.

BRASIL. *Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025*. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 14 jan. 2025. Seção 1, p. 3. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-15.100-de-13-de-janeiro-de2025-606772935>. Acesso em: 12 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CIAVATTA, Lucas, FERREIRA, Daniela, SANTOS, João.: O Passo – corpo e mente no mesmo andamento. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). *Pedagogias brasileiras em educação musical*. Curitiba: *InterSaberes*, 2016. p. 207-230.

COSTA, Rariane. Rio proíbe uso de celular em escolas: quais países têm restrições do tipo? *CNN Brasil*, 2 fev. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/rio-proibeuso-de-celular-em-escolas-quais-paises-tem-restricoes-do-tipo/>. Acesso em: 13 jul. 2025.

ESTIENE, F. *Voz falada voz cantada: avaliação e terapia*. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

GOMES, Tamiris. Celular na escola: quais países proíbem o aparelho em sala de aula? *CNN Brasil*, 23 set. 2024. Colaboração para a CNN. Disponível em:  
<https://www.cnnbrasil.com.br/educacao/celular-na-escola-quais-paises-proibem-o-aparelho-em-sala-de-aula/>. Acesso em: 13 jul. 2025.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MEURER, R, P; FIGUEIREDO, S, L, F. O corpo no ensino de canto: uma discussão a partir de cinco artigos brasileiros. *Anais do XXXII Congresso da ANPPOM*, Natal, V. 32, 2022.

MOREIRA, M. A. *Teorias de Aprendizagens*. São Paulo: EPU, 1995.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. rev. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

UNESCO. *Global Education Monitoring Report 2023: technology in education: a tool on whose terms?* Paris: UNESCO, 2023. Disponível em:

[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147\\_por/PDF/386147por.pdf.multi](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147_por/PDF/386147por.pdf.multi).

Acesso em: 13 jul. 2025.